

Nem sempre compensa remover os ovários

Ao analisar dados de mais de 140 mil mulheres, cientistas da Dinamarca concluem que as desvantagens da cirurgia superam os benefícios nos casos de mulheres com baixo risco de ter um câncer nas glândulas reprodutivas

» FERNANDA FONSECA*

Segunda cirurgia mais frequente em mulheres na idade reprodutiva, sendo superada, no Brasil, apenas pela cesariana, a histerectomia é indicada em casos de mioma, endometriose e tumor, entre outras complicações. O grande volume de procedimentos, porém, não ameniza as preocupações quanto a possíveis efeitos adversos. Na tentativa de aprofundar a análise de vantagens e desvantagens desse tipo de tratamento, pesquisadores do Centro de Pesquisa da Sociedade Dinamarquesa do Câncer avaliaram o risco comparativo de câncer, doença cardiovascular e morte entre mulheres submetidas a histerectomia benigna com a retirada dos ovários.

“A histerectomia é a cirurgia de retirada do útero com ou sem seus órgãos anexos, como tubas e ovários. Ela é benigna quando a indicação do procedimento cirúrgico está relacionada a uma patologia não oncológica, ou seja, que a doença não é câncer. São exemplos miomas uterinos e adenomiose”, explica Leticia Sandre, cirurgiã ginecológica da Maternidade do Hospital Santa Lúcia, de Brasília. A retirada das glândulas reprodutivas femininas visa aumentar as chances de sobrevivência de mulheres com alto risco de câncer de ovário. No entanto, de acordo com os pesquisadores, não se sabe o suficiente sobre como esses procedimentos afetam outros aspectos da saúde das pacientes.

O estudo, com base em dados de mais 140 mil mulheres na Dinamarca, mostra que as mulheres que tiveram os ovários removidos apresentam um risco menor de câncer de ovário, mas outros resultados de saúde variaram de acordo com a idade/estado da menopausa. A cirurgia foi associada, por exemplo, ao aumento do risco de doença cardiovascular em mulheres mais jovens e ao de câncer nas mais velhas com menor vulnerabilidade de serem acometidas por tumores.

“A remoção de ambos os ovários no momento da histerectomia

EVARISTO SA



O procedimento pode aumentar a vulnerabilidade à doença cardiovascular quando feito em mulheres mais jovens

benigna é controversa. Sabemos que ela beneficia mulheres com predisposição genética ao câncer de ovário, mas para mulheres sem essa predisposição, esse câncer é raro, e a redução de sua ocorrência deve ser ponderada em relação a outros benefícios e riscos de saúde a longo prazo”, afirma Mathilde Gottschau, primeira autora do artigo, publicado na revista *Annals of Internal Medicine*, da American College of Physicians.

Para chegar à conclusão, Gottschau e colegas analisaram registros nacionais de saúde disponíveis na Dinamarca, com informações sobre diagnósticos, cirurgias, status de migração e óbito. “Incluimos 142.985 mulheres, das quais 22.974 tiveram ambos os ovários removidos ao mesmo tempo em uma histerectomia benigna. Queríamos investigar o impacto da remoção dos

Acervo pessoal



ovários em diferentes aspectos da saúde”, conta a autora.

O grupo também observou que as mulheres na pré-menopausa submetidas à cirurgia apresentaram um risco maior de hospitalização por doença



Entre as pacientes com os ovários removidos na perimenopausa (transição para a menopausa), houve mais mortes nas avaliações feitas 10 e 20 anos após a cirurgia”

Mathilde Gottschau, primeira autora do artigo

houve mais mortes nas avaliações feitas 10 e 20 anos após a cirurgia. E nas mulheres com 65 anos ou mais, houve menos morte quando avaliadas 20 anos depois”, detalha a autora.

Hormônios

Na avaliação de Sandre, os resultados obtidos pela equipe dinamarquesa se justificam pela cessação de produção dos hormônios pelos ovários. “Sabe-se que o órgão produtor de hormônios femininos continua uma mínima produção na pós-menopausa, e é exatamente isso que protege a mulher de doenças cardiovasculares, osteoporose e alguns tipos de câncer”, explica. “Contudo, devemos considerar que, para todas as doenças citadas, a ausência do órgão e, consequentemente, dos hormônios é apenas um fator de risco associado.”

Tatianna Ribeiro, ginecologista da clínica Rehgio, em Brasília, explica que o procedimento de remoção dos ovários (ooforectomia) costuma ser realizado com a histerectomia e outras cirurgias intra-abdominais. Porém, a médica alerta que é necessário levar em consideração, além das queixas da paciente, outras comorbidades associadas, a idade e o histórico de saúde familiar. “A retirada cirúrgica dos ovários propicia redução abrupta dos níveis de estradiol e testosterona séricos tanto na transição quanto na pós-menopausa. Essa queda nos esteroides sexuais pode resultar em redução da libido, aumento no risco de fraturas por osteoporose e elevação nas taxas de doenças cardiovasculares”, justifica.

A ginecologista defende que a decisão final sobre a realização ou não da retirada dos ovários cabe à mulher, que deverá se basear nas informações atualizadas sobre os benefícios e possíveis danos à saúde. Tanto as especialistas quanto a autora lembram que os mecanismos por trás dos riscos adversos à saúde em decorrência da histerectomia com a retirada dos ovários são complexos devido à influência do estado da menopausa e de outros fatores associados à saúde ginecológica da mulher, como a produção de hormônios, e também de fatores externos — tabagismo, sedentarismo, alimentação inadequada e história familiar, entre outros.

Ainda assim, a conclusão da equipe de pesquisadores é de que as desvantagens gerais da remoção dos ovários superam as vantagens em mulheres na pré-menopausa, enquanto para as pós-menopáusicas, os dados não indicam um claro benefício. Para Gottschau e colegas, a expectativa é de que o estudo faça parte de um conjunto de investigações na área que contribua para uma avaliação geral dos benefícios e riscos desse tipo de procedimento.

*Estagiária sob a supervisão de Carmen Souza

SPACEX

Adiado voo do foguete mais potente da história

A primeira missão do Starship, o foguete mais potente da história projetado para levar novamente humanos à Lua, foi adiada. A SpaceX cancelou o voo de estreia minutos antes da hora programada devido a um problema de pressurização no estágio de propulsão. A expectativa é que a decolagem ocorra ainda nesta semana. “Antecipamos um mínimo de 48 horas antes de podermos tentar esse voo de teste novamente”, disse um funcionário da empresa, em um vídeo transmitido ao vivo.

O fundador da SpaceX, Elon Musk, disse que uma válvula de pressão parecia estar congelada, resultando no adiamento do lançamento previsto para 13h20 (10h20, em Brasília) na Starbase, porto espacial da companhia em Boca Chica, Texas. No domingo, o empresário havia dito que se tratava de um “voo muito arriscado”

e que havia “um milhão de maneiras” de o foguete falhar. “Vamos ser muito cuidadosos e, se vimos algo que nos preocupa, vamos adiá-lo”, adiantou.

Com 120 metros de altura, o Starship tem uma cápsula reutilizável de cerca de 50 metros de altura para transportar a equipe e a carga. Abaixo, fica o propulsor em primeiro estágio Super Heavy, com cerca de 70 metros. As duas peças nunca voaram juntas, apesar da realização de vários testes de voo suborbital com a espaçonave.

O plano original do voo de estreia prevê que o propulsor Super Heavy seja separado da nave três minutos após o lançamento e aterrisse no Golfo do México. A aeronave, que tem seis motores próprios, continuará a uma altitude de cerca de 240km e completará quase uma volta ao redor da Terra antes de mergulhar no Oceano

AFP



A decolagem do Starship, projetado para o retorno humano à superfície da Lua, pode ocorrer ainda nesta semana: problemas na propulsão

Pacífico. Todas essas etapas devem durar cerca de 90 minutos.

“Se chegar à órbita, será um grande sucesso”, disse Musk, também no domingo. Segundo o magnata, se o veículo conseguir se afastar da Starbase “antes que algo dê errado”, já será um sucesso. “Só não exploda a plataforma de lançamento”, afirmou. “A carga útil dessa missão é informação. Informação que permitirá melhorar o projeto de futuras construções da Starship”, continuou.

Reúso total

A agência espacial americana, Nasa, escolheu o superfoguete para o primeiro retorno à superfície lunar desde a década de 1970: a Artemis III, prevista para o fim de 2025. Antes disso, se prepara para levar astronautas à órbita do satélite usando

seu próprio foguete espacial, o Space Launch System (SLS), que está em desenvolvimento há mais de uma década.

O Starship é maior e mais potente que o SLS. Segundo os criadores, o foguete consegue transportar uma carga maior que 100 toneladas em órbita e gera 17 milhões de libras de empuxo, mais do que o dobro dos foguetes Saturn V, usados para enviar os astronautas das missões Apollo à Lua.

O objetivo da empresa, segundo Musk, é torná-lo reutilizável para reduzir o custo das missões para apenas alguns milhões de dólares por voo. “Levando a longo prazo. Não sei, dois ou três anos, teremos que obter uma reutilização completa e rápida”, afirmou. Isso facilitaria um projeto maior do empresário: o de estabelecer bases na Lua e em Marte e colocar a humanidade no “caminho de ser uma civilização multiplanetária”.